

## Meta de erradicação da aftosa é tema da Cosalfa



Secretário João Carlos Machado, Sperotto e outras autoridades no lançamento do evento

A meta de erradicação da febre aftosa da América do Sul até o próximo ano deve ser um dos principais temas em debate na 35ª reunião da Comissão Sul-americana de Luta contra a Febre Aftosa (Cosalfa), que acontece de 10 a 14 de março, em Porto Alegre. O diretor do Centro Pan-americano de Febre Aftosa (Panaftosa), Albino Belotto, acredita que será possível erradicar a febre aftosa até 2009 na região, pois os focos são localizados, principalmente na Venezuela e no Equador. No entanto, é fundamental o apoio de países como o Brasil. “Os problemas são de gestão e coordenação, porque há técnicos e recursos para o combate. Por isso, a cooperação

será fundamental, já que o problema é coletivo e precisa ser resolvido de forma conjunta”, destacou o diretor. O lançamento da 35ª reunião da Cosalfa aconteceu no dia 14 de fevereiro, na sede da Farsul.

O evento, promovido pelo Panaftosa, conta com parceria do Sistema Farsul, Sebrae-RS, Ministério e Secretaria da Agricultura e Assembléia Legislativa. Participarão representantes de 11 países da América do Sul e observadores das Américas Central e do Norte. Para Belotto, o encontro representa uma oportunidade para aprofundar discussões e procurar solução conjunta para a doença, principalmente nas

zonas críticas. “O setor privado é fundamental para avançar no combate dentro de uma situação de transparência”, ressaltou.

### Programação

Nos dias 11 e 12 de março, será realizado o seminário internacional prévio à 35ª Cosalfa, cujo tema deste ano é América do Sul Livre de Febre Aftosa – Novos Paradigmas. O seminário tratará o objetivo de uma América livre de febre aftosa analisando a situação atual; discutirá a metodologia de trabalho para alcançar a erradicação e proporá alternativas para criar e instalar programas de prevenção para manter o status de livre de febre aftosa dos países após 2009.



## Tropeando

Fernando Aduato

No campo, especialmente na região da Campanha, onde me criei, o vocabulário, apesar de restrito, é muito preciso. As palavras e expressões têm significado claro e objetivo e evitam explicações desnecessárias. Uma das diferenças mais impactantes para mim é que, na cidade, os quadrúpedes têm quatro patas e na Campanha, invariavelmente, independente de espécie, têm duas patas e duas mãos. Patas e mãos têm tratamentos distintos, independentes, funções e serventia diversas. O coice só acontece com a pata, o manotaço é com a mão. Quando se diz que um animal está mancando, todos os campeiros sabem que é de uma mão ou de um dos membros anteriores. Se o problema é na pata ou membro posterior, o animal está rengo. Pealar é laçar das duas mãos. Garrear é laçar das patas para derrubar um vacum laçado do pescoço. O garrão está nas patas e o joelho diversamente dos humanos esta nas mãos ou membros anteriores. São coisas que no campo se aprende naturalmente, como falar, mijar contra a parede e outras que não me lembro de terem me ensinado.

Falar em patas dianteiras ou traseiras identifica um murrango ou urbano que, se não aprender, sempre será olhado com desdém, como um alienígena em nosso meio. O cavalo pode escapar ou perder uma pata, mas tropeçar é somente com as mãos. Com saudades, lembro do Antonijo puxando um cavalo crioulo em um julgamento. O jurado murrango, apontando para a pata do cavalo perguntou se ele não tropeçava com aquela pata. O cabanheiro “envinagrado”, na frente de grande público, fez um comício:

– Nunca vi cavalo “tronpençar” com as patas, pra mim se tropeça é com as mãos, repetia falando alto para delírio da torcida. O jurado disparou de perto do Antonijo e nunca mais se encontrou. Em um romance de um de nossos melhores autores regionais um personagem com o apelido de Rengo, para minha indignação, saiu mancando. Para ambos faltou a vivência campeira que faz a nossa cultura. Coerente era o Antonio Manco “das Lavras”, não tinha três dedos da mão.

Ingressei no colégio em Bagé no quarto ano primário. Até então, estudara com minha mãe na estância. Foram muito difíceis os primeiros dias. Empaquei-me, chorava de raiva e brigava. Na primeira sabatina de matemática, veio um problema envolvendo patas de vacas. Conteí duas patas por vaca e com convicção fui dos primeiros a entregar a prova. Além de me dar zero, a professora me chamou à frente para me questionar sobre quantas patas tinha uma vaca: – Duas, respondi. Apesar dos argumentos da professora e do riso dos colegas, não me entreguei, terminei chorando, indignado com a ignorância da professora que, coincidentemente, tinha origens urbanas. Para voltar ao colégio, minha mãe teve que falar com a diretora e só encordei quando me trocaram para a turma da professora Donata, experiente, concordava com a rude e ingênua racionalidade campeira. No entrevero da cidade é difícil manter o rumo do pago. Convivemos com muitas gentes, de muitas regiões, de várias origens e etnias. Embora tenhamos inúmeros CTGs, nossa cultura vem sendo modificada por cidades cada vez mais cosmopolitas, onde as vacas têm quatro patas, os renegos mancam e os cavalos tropeçam com as patas.

Crônica publicada em abril 2007

## BALANÇAS CAUDURO



Reboque p/Cavalos



Balança p/Gado



Tronco de Contenção

Tradição e Qualidade desde 1945

Www.balancascauduro.com - e-mail: cauduro@balancascauduro.com  
Av. Brasil, 1174 - Fone/Fax: (51) 3722 - 2534 - Cachoeira do Sul - RS